

Por mais que tentem nos fazer acreditar do contrário, nunca estamos separados do mundo das ideias e, se o mundo nos é estranho, é porque estamos nele. A arte ocorre, justamente, por um encontro silencioso do corpo com as potências positivas e negativas desse mundo.

Na obra de Boudet, profundidade, cor, forma, linha, contorno e luminosidade são ramos da pintura que mostram, antes atravessados pelo olhar de uma câmera, como ancoramos no presente, carregado de memória. Aqui o corpo já está além dele mesmo, num mundo de relações e contatos. Aparecer é, sempre, aparecer em relação. Relação com o passado, o luto, a violência, os perigos do maniqueísmo e do fascismo, mas também com o abraço e o oceano Atlântico com seu horizonte infinito de possibilidades.

Encontros sincopados do óleo sobre linho com a artista, a obra proporciona pausa aos gestos e gestos `a pausa. Nesse encontro perde-se o ritmo intencionalmente, deslocando a acentuação do tempo e do espaço cinematográfico. O sincopado é um elemento de surpresa ao ritmo, mas também, aqui, um momento de urgência e alerta: ninguém está no mundo sem ser o mundo. Nenhum pensamento se separa inteiramente de um suporte.

O gesto artístico de Boudet é ocasião de transformação, marca de uma experiência com o que nos rodeia e nos compõe como negativos de filmes, aqueles que nos marcaram e também aqueles que não vimos, ou que esquecemos. Há um zoom na memória não apenas afetiva e pessoal, mas também no resgate histórico e cultural do nosso presente. Há a decisão de direcionar o olhar para onde já não se olha mais, como a violência generalizada e naturalizada por um fascismo crescente. Para que a memória se instale, é preciso olhar para fora da tela.

Neste movimento centrífugo, uma mala pode se transformar em personagem carregando memória, transitoriedade, migração. E é assim, com esta atitude bergsoniana de enxergar na mesma matéria o objetivo e o subjetivo, que as imagens falam por si mesmas em plongée, mergulho que deságua no cinema e vice-versa.

Não por acaso, alguns dos seus trabalhos simulam um storyboard. No entanto, a sugestão de sequência e continuidade é apenas uma seta luminosa para o mundo fantástico da figuração, para o corpo do objeto que não só representa uma sensação humana, mas a compõe. São cenas para serem vividas por quem as vê, em contínuo desdobramento. As cenas, em geral, nunca acabam.

Carla Mühlhaus